

# **Antropologia Cristã e Educação Católica: por um processo de formação humana integral e integrada.**

**Luís Eduardo Duarte Novais**

**Maria Cecília Isatto Parise**

## **Introdução**

Contemporaneamente, observa-se a difusão de reflexões pedagógicas que problematizam o que se designa, em geral, “crise de sentido da escola”, a qual alcança, indistintamente, todas as instituições de ensino, inclusive aquelas confessionais.

De acordo com essas discussões, a escola, ao preterir os objetivos propriamente pedagógicos de suas práticas, em detrimento de preocupações excessivamente metodológicas – porque cada vez mais colonizada por uma concepção pragmático-utilitarista de educação –, permite-se ser tomada por uma nociva indeterminação antropológica.

Sob essa perspectiva, uma miríade de documentos do Magistério Eclesial assevera que as propostas pedagógicas das escolas católicas devem estar organicamente vinculadas à noção antropológica cristã, para que o ato de educar – entendido como processo de formação integral da pessoa humana – seja pleno de significado.

Assim, esta pesquisa pretende identificar as dimensões formativas que poderiam integrar tais propostas pedagógicas, tendo em vista o arcabouço teórico-conceitual desenvolvido por Edith Stein acerca da constituição do ser humano.

## **Edith Stein e os fundamentos da antropologia cristã**

A narrativa do Livro do Gênesis desvela a relação constitutiva entre Deus (o Criador) e o homem. A Sagrada Escritura ensina que, de tudo quanto Deus havia feito no princípio, apenas o homem foi criado à imagem de seu Criador.

Para Edith Stein, essa condição singular do homem manifesta, justamente, sua natureza: dado que Deus se revela como Trindade consubstancial de pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo –, o homem, criado à sua imagem, também é pessoa.

Segundo Savian Filho (2016), no dogma católico da Trindade, Edith Stein encontrará o melhor arquétipo para explicar a personalidade do ser humano, cuja estrutura, de acordo com a fenomenóloga, é integrada, perfeitamente, em três dimensões: uma dimensão corpórea, uma dimensão anímica ou psíquica e uma dimensão espiritual.

A noção de corpo, tal como concebida por ela, não se limita a aspectos estritamente físicos ou materiais (*Körper*), mas alcança a ideia de corpo vivenciado (*Leib*), ao qual pertence um “eu” que percebe, pensa, sente e quer: trata-se de um corpo habitado por uma alma, um corpo material que, para além de estar submetido às leis causais do universo físico, é suporte para todas as experiências que se sucedem na própria existência dos sujeitos.

Além disso, no âmbito do pensamento steiniano, ainda que se verifique uma multiplicidade de movimentos instintivos próprios da estrutura vegetativa-sensitiva do ser humano, sua dimensão corpórea, diferentemente daquela dos animais, é preparada para a ação da alma e do espírito.

A alma (ou psique) corresponde à dimensão da pessoa que articula atos corporais e atos dos sentidos, emoções e afetos, impulsos e desejos, prazeres e desprazeres, além de atuar junto às atividades conscientes, influenciando-as, eventualmente, sob o efeito de atos inconscientes.

Já o espírito (*Geist*) permite, ao ser humano, a interiorização de juízos de valor e a apreensão de significados inerentes à sua realidade circundante, suscitando-lhe ações controladas por seu intelecto e por sua vontade, a partir do exercício racional da liberdade e da responsabilidade que lhes são próprias.

Por outro lado, Edith Stein compreende o homem como um buscador de Deus. Com efeito, o desejo de alcançar o Criador está inscrito na alma humana (cf. Catecismo da Igreja Católica, CIC 27). Nesse sentido, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) afirma que o aspecto mais sublime da dignidade da pessoa está em sua vocação à comunhão com Deus (cf. GS 19), mesmo que essa relação, expressa de múltiplas formas, por meio de crenças tão diversas, seja esquecida, ignorada ou, até, explicitamente rejeitada e hostilizada pelo homem.

Ora, porque criado à imagem de Deus, o homem é orientado por inteligência e vontade próprias e possui a liberdade para praticar atos deliberados e voluntários, pelos quais será responsabilizado segundo o juízo de sua consciência moral; esta, por sua vez, impõe-lhe, no momento oportuno, fazer o bem e evitar o mal. Aqui, a *Gaudium et Spes* revela que “a

consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem, onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz” (GS 16), lugar identificado por Edith Stein como “alma da alma”, isto é, o núcleo (*Kern*) da existência humana, cuidadosamente ancorado ao reino do alto, que permite, ao homem, experienciar, com mais liberdade, as reações da vida anímica, tomando decisões a partir de seu âmago pessoal e não condicionadas por arbitrariedades ou conveniências.

Ademais, para Edith Stein, o ser humano é capaz de se encontrar com o outro, e, por meio da empatia, reconhecê-lo como pessoa. Essa experiência da individualidade alheia leva ao enriquecimento da própria individualidade da pessoa, sem que essa seja negada em sua identidade essencial, de forma que o ser humano permanece livre e responsável pelo que acolhe do outro como um valor compartilhado.

Portanto, uma vez que a liberdade da pessoa é plenamente exercida no relacionamento com os outros seres humanos e que a liberdade alcança sua perfeição quando está ordenada para Deus, há que se inferir que não existe verdadeira liberdade senão aquela ordenada ao serviço do bem comum, pois, quanto mais pratica o bem, tanto mais o homem torna-se livre (cf. CIC 1731-1733).

### **As implicações da antropologia cristã sobre as propostas pedagógicas das escolas católicas**

À luz das considerações anteriores, é possível afirmar que o homem integra, em si, tanto uma natureza racional (expressa pelo exercício de sua inteligência, de sua vontade e de sua liberdade), quanto uma natureza relacional, que se manifesta por meio de uma dupla dimensão: vertical (em sua comunhão com Deus) e horizontal (em sua comunhão com as outras pessoas e com o mundo natural).

Impõe-se, assim, a exigência segundo a qual todo fenômeno educativo deve superar a mobilização de conteúdos de caráter estritamente intelectuais, decerto indispensáveis para a apreensão dos fundamentos racionais (conhecimentos, competências e habilidades) que compõem a herança civilizatória da humanidade, essenciais para seu desenvolvimento cultural e científico, e promover o crescimento da pessoa para se autoconhecer como um sujeito livre, autônomo e responsável por suas escolhas, através de um itinerário que a conduza a um efetivo relacionamento com Deus, com as outras pessoas e com a natureza.

Sob essa perspectiva, a educação cristã deve dedicar-se à formação do homem completo, em toda a realidade de sua subjetividade material e espiritual, evitando tanto uma nociva absolutização da matéria junto à estrutura da pessoa humana, quanto uma inoportuna absolutização do espírito no âmbito dessa mesma estrutura.

Por isto, as propostas pedagógicas das escolas católicas devem promover uma educação integral, abraçando a formação de toda a extensão da vida humana, em seus aspectos sensível e espiritual.

Para Edith Stein, a formação deve tornar-se “um processo de revelação (*Aufweis*) do ser que é finitude em sua natureza e infinitude em seu espírito” (PERETTI; TEXEIRA, 2022, p. 6).

Contudo, é fundamental recordar que a importância outorgada pela fenomenóloga à formação espiritual não implica distanciamento comunitário e social.

Então, no âmbito das escolas católicas, há que se privilegiar o estreitamento da natureza essencialmente relacional dos estudantes à sua vocação religiosa, para que eles despertem para a prática do bem comum: uma educação em comunhão e para a comunhão.

Trata-se de envolver os estudantes junto à dinâmica das relações interpessoais que constituem e vivificam a própria comunidade educativa – uma comunidade cristã, em que se é com e para o outro, uma verdadeira comunidade eclesial, em que se forma para a prática do genuíno amor cristão.

Evidentemente, não se trata de considerar os diversos componentes curriculares como instrumentos de proselitismo religioso, orientando-os segundo finalidades apologéticas: no contexto das instituições de ensino católicas, a educação pode constituir-se em inigualável oportunidade por meio da qual são transformadas consciências, critérios de julgar, valores, centros de interesse, linhas de pensamento, fontes inspiradoras, atitudes – desde que proporcione a busca pela verdade, pela beleza, por aquilo que é justo e bom.

## **Considerações finais**

As análises desenvolvidas no âmbito desta pesquisa evidenciaram que a catolicidade de uma escola não se restringe a momentos específicos (litúrgicos, espirituais ou sociais) ou às

funções desempenhadas, exclusivamente, pelo capelão escolar ou pelos professores de Ensino Religioso.

Espera-se que a educação católica encerre uma polifonia de movimentos: trata-se da conjugação de um movimento de equipe, de um movimento ecológico (que contribui para a recuperação do equilíbrio interior, do equilíbrio solidário, do equilíbrio natural e do equilíbrio espiritual), de um movimento inclusivo e de um movimento pacificador, que se concretizam pela recuperação de vínculos interpessoais, pelo resgate de comportamentos virtuosos e pela educação para a cultura do cuidado.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). Novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, 4ª ed., 2017.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COSTA, Lourenço. (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 539-661.

PERETTI, Clélia; TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. **Formadoras da vida espiritual: comentários de Edith Stein sobre a formação da interioridade em Teresa D'Ávila. Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/43259>. Acesso em: 8 nov. 2022.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa. **Anais do Seminário Internacional de Antropologia Teológica: pessoa e comunidade em Edith Stein**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/seminario-internacional-de-antropologiateologica/assets/2016/5.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2023.